

Países ricos ajudarão Polônia e Hungria

PARIS — Em declaração conjunta de caráter político, os dirigentes dos sete países mais industrializados, reunidos em Paris, decidiram conceder substancial ajuda econômica à Polônia e à Hungria, os dois países do bloco soviético mais avançados nas reformas. O programa de ajuda aos poloneses e húngaros é um verdadeiro "mini-Plano Marshal", à semelhança do que foi aplicado pelos EUA na Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial. "Cada um dos sete países aqui representados está preparado para apoiar o processo de reformas políticas nesses países, com o objetivo de transformar e abrir suas economias de forma durável", assinou a declaração.

O documento não menciona nenhuma quantia, mas relaciona os tipos de ajuda que serão dados à Polônia e à Hungria: investimentos diretos, capitais para formação de empresas mistas (joint ventures), transferências de tecnologia, treinamento profissional, etc. O presidente americano, George Bush, que visitou os dois países do Leste na semana passada, convenceu os sócios industrializados dos EUA de que essa ajuda é urgente. Mas os bilhões de dólares que a Polônia esperava só virão a longo prazo, sob a forma indireta de investimentos e outras formas de apoio.

A única promessa mais a curto prazo foi a de convocar, nas próximas semanas, uma reunião dos países interessados para discutir os detalhes do plano de ajuda econômica às duas nações da Europa Oriental.

CHINA

Ao mesmo tempo em que manifestaram seu apoio à Hungria e à Polônia, os sete países mais industrializados do Ocidente condenaram a repressão ao movimento democrático na China. A declaração recomenda a adiamento de novos empréstimos à China por parte do Banco Mundial. Mas ressalta que os dirigentes chineses ainda podem evitar o isolamento do país se "restabelecerem uma forma de cooperação baseada na retomada do movimento em direção a uma maior abertura e reformas políticas e econômicas".

UNIÃO SOVIÉTICA

No capítulo dedicado à União Soviética, os "sete" se

mostraram relativamente céticos em relação às reformas conduzidas pelo presidente Mikhail Gorbachev. Eles convidaram a liderança soviética a transformar seus pronunciamentos em "ações concretas no plano doméstico e externo". E lembraram que a vantagem do bloco soviético em armas convencionais e nucleares de curto alcance "continua sendo uma ameaça objetiva para cada um dos países signatários".

Ontem, Gorbachev enviou carta ao presidente da França, François Mitterrand, com um apelo para que os sete países mais industrializados do Ocidente "intensifiquem a cooperação econômica Leste-Oeste".

TERROR

Os "sete" também voltaram a condenar o terrorismo e rejeitaram qualquer concessão a grupos terroristas. Foi feito novo apelo a organizações terroristas que mantêm reféns para que os libertem, sem condições. Um apelo especial foi dirigido à África do Sul para que liberte Nelson Mandela. A declaração também pede a retirada de todas as forças estrangeiras do Líbano e apóia uma conferência internacional para resolver a questão do Camboja.

FESTA

Tanto a extrema-esquerda quanto a direita haviam condenado as festas dos 200 anos da Revolução Francesa promovidas por Mitterrand. Mas, ontem, a presença de centenas de milhares de pessoas nos Champs Elysées e na Concórdia, entusiasmadas com a parada musical noturna e as encenações criadas pelo publicitário Jean Paul Goude, fez os críticos mudarem de idéia. O jornal Libération, de esquerda, resumiu essa atitude em manchete: "Queremos outros 14 de Julho como este".

BUSH

Depois do encontro com os governantes dos países mais industrializados, em Paris, o presidente Bush partirá hoje para a Holanda. Será uma visita de 24 horas, a primeira que um presidente dos EUA faz a esse país. Bush não tem nada de especial na agenda e a imprensa holandesa descreve a rápida visita como "mais de amizade do que de trabalho".